

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## HISTÓRIA, PANDEMIA, DISTOPIA E UTOPIA - UM ESTUDO A PARTIR DO DIA EM QUE A TERRA PAROU (1977) /O CORONA ACABOU (2020) DE RAUL SEIXAS E TOM CAVALCANTE

EMÍLIA SARAIVA NERY

Doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU.  
Docente de Direito pelo Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão e  
de História pela Secretaria de Educação do Estado do Piauí.  
E-mail: emilia.nery@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho trata de uma apropriação histórica das letras de músicas *O dia em que a Terra parou* (1977) /*o Corona acabou* (2020) de Raul Seixas e Tom Cavalcante, de suas autorias. O interesse em promover este estudo decorre da recepção da música *O dia em que a Terra parou*, sobretudo nas redes sociais, como uma canção que teria “previsto,” em 1977, o cenário da pandemia do coronavírus em 2020. Paralela a essa recepção, foram produzidas paródias sobre a citada música, destacando-se a, composta por Tom Cavalcante, “*O dia em que o Corona acabou*”.

*O dia em que o Corona acabou* (2020) trata-se de uma paródia lítero-musical, de *O dia em que a Terra parou* (1977), realizada pelo humorista Tom Cavalcante. Paródia essa que contextualiza cenários de distopias de pandemia do coronavírus e de autoritarismo político brasileiro e de utopias do final da citada pandemia e das suas conseqüências sociais, econômicas e educacionais. Para além das apropriações históricas e do paralelo das músicas em discussão, objetiva-se, ainda neste estudo, compreender os valores perdidos e ressignificados tais como: ideologia, grupo, família, música, amor, eu- nos contextos de distopias, pandêmicas e regimes autoritários, e utopias, pós-pandemia.

Palavras-chave: Pandemia; Distopia; Utopia; Raul Seixas; Tom Cavalcante.

O interesse em promover uma apropriação histórica das letras de músicas *O dia em que a Terra parou* (1977) /*o Corona acabou* (2020) de Raul Seixas e Tom Cavalcante, de suas autorias, decorre, inicialmente, da produção da minha dissertação em mestrado em História sobre as tensões no campo da música brasileira, na década de 1970, tendo em vista, principalmente, a noção de “*linha evolutiva* na Música Popular Brasileira (CASTELO BRANCO, 2005) <sup>1</sup>”, a partir de letras do músico baiano Raul

---

<sup>1</sup>Tratava-se de uma corrente interpretativa musical modernizadora evolutiva, que seguia os padrões conciliadores de tradição (raiz nacional) e modernidade (importação cultural) retomados da antropofagia oswaldiana do Modernismo da Literatura, da Bossa Nova de João Gilberto por Caetano Veloso antes e durante o Tropicalismo. [...] expressão criada por Caetano Veloso em 1966 e adotada por Augusto de Campos e por alguns críticos de música popular até os dias de hoje – acaba dando organicidade ao processo, pois apresenta os compositores “modernos” como aqueles que deram um “passo à frente”, mas continuam herdeiros naturais de uma “tradição” da nossa música popular, que remonta aos sambas de Ismael Silva, Noel Rosa, Wilson Batista e outros bambas. Linha evolutiva aqui

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Seixas (1945-1989) (NERY, 2008). Como também, provém contemporaneamente, da recepção da música O dia em que a Terra parou, sobretudo nas redes sociais e sites de buscas, como uma canção que teria “previsto,” em 1977, o cenário da pandemia do coronavírus em 2020.

Imagens das cidades vazias devido à pandemia da Covid-19 fizeram a busca pela música crescer 410% no Google em uma semana. No Youtube no mesmo período, informou o colunista Ancelmo Gois, a busca pela canção, lançada por Raul Seixas em 1977, triplicou (YOUTUBE, 2021).

Paralela a essa recepção, foram produzidas paródias sobre a citada música, destacando-se a, composta por Tom Cavalcante, “O dia em que o Corona acabou”. Neste artigo, será realizada uma análise específica e comparativa entre as canções e seus respectivos aspectos contextuais e estruturais, discursivos e sonoros (NAPOLITANO, 2005).

Raul Santos Seixas nasceu no dia 28 de junho de 1945 na Bahia. Na capital baiana, em 1957, teve acesso à produção musical, que influenciou sua obra: de Elvis Presley, Little Richard, Fast Domino, Chuck Berry. Fundou, em 1962, o grupo Relâmpagos do Rock. Esse grupo passou a se denominar, no ano de 1964, The Panther. Após gravarem duas músicas para um compacto da produtora Astor (Nanny e Coração Partido) passou a se chamar Raulzito e os Panteras.

Já no Rio de Janeiro, em 1968, Raul Seixas gravou seu primeiro LP Raulzito e os Panteras. No ano de 1970, trabalhou como produtor de discos na CBS. Produziu Jerry Adriani, Trio Ternura, Renato e seus Blue Caps, Tony e Frankie, Diana e Sérgio Sampaio. É desse período, também, a produção do LP Sociedade da Grã Ordem Kavernista – apresenta – Sessão das 10 sem a autorização da gravadora, o que provocou a sua expulsão. Participou do VII Festival da Canção, no ano de 1972, no qual duas músicas suas foram classificadas: Eu sou eu, Nicuri é o Diabo e Let me Sing, Let me Sing. Daí em diante, a sua carreira se desenvolveu com LP's até o ano de 1989, quando morreu no dia 21 de agosto acometido por uma pancreatite (NERY, 2008, p. 20-21).

---

significa ainda que a música brasileira teria alcançado um ponto de inovação artística, que deveria ser continuado por qualquer tentativa posterior de criação, releitura ou síntese.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Antônio José Rodrigues Cavalcante, por sua vez, nasceu no dia 8 de março de 1962 na capital cearense, Fortaleza. Iniciou sua carreira apresentando números humorísticos em bares do Estado do Ceará, nos meados dos anos 1970. Nos anos 1980, pleiteou trabalho em programas de humor da Rede Globo de Televisão. No final desta década, participou de dois programas como o bêbado João Canabrava, do também humorista Chico Anysio: Chico Anysio Show e Escolinha do Professor Raimundo. Já nos anos 1990, destacou-se com o personagem Ribamar no programa Sai de Baixo, dirigido por Daniel Filho. Nos primeiros anos do século XXI, ainda na emissora Globo, fez seu programa MegaTom e participou do Zorra Total. Enquanto que, na primeira década deste século, ele ingressou na RecordTV com programa solo Show do Tom e no canal MultiShow, destacando-se com o programa Multi Tom (CAVALCANTE, 2020).

Tanto Raul Seixas como Tom Cavalcante vivenciaram semelhantes universos históricos e culturais dos anos 1970 e 1980. Por essa razão, emergem suas similaridades, assim como, suas singularidades artísticas. As vivências semelhantes, dessa forma, justificam, primeiramente, a escolha do humorista em imitar e parodiar o músico baiano e sua canção *O dia em que a Terra parou* (1977).

*O dia em que a Terra parou* (1977) trata-se de uma recepção do filme, de mesmo título (1951), norteamericano, do gênero ficção científica, dirigido por Robert Wise. A referida obra cinematográfica narra a visita de um ser alienígena à Terra e o seu apelo para a paz entre os povos do planeta, em meio a um contexto histórico de ameaça de conflitos bélicos na denominada Guerra Fria. Para demonstrar sua força, o referido alienígena provoca uma pane em todos os aparelhos elétricos da Terra, com exceção daqueles essenciais à vida, como os de hospitais e de aviões em voo. Enredo esse relacionado ao tema dos discoveadores tão caro na vida e na produção lítero-musical de Raul Seixas. Além dessa temática, é descrito um cenário de distopia, em contraposição à sociedade ideal de uma sociedade alternativa, defendida pelo músico baiano nos anos 1970. Nas distopias, em geral, inclusive na retratada por Raul Seixas, são contextualizados cenários assustadores e pessimistas, governos totalitários e cidadãos privados de seus direitos fundamentais. Esse conceito, por vezes, é relacionado às histórias futurísticas, nas quais, pelo declínio da sociedade e da natureza, cria-se um cenário ideal para regimes ditatoriais.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na letra de música em análise, são as pessoas, e não, os equipamentos como ocorre no filme *O dia em que a Terra parou*, que cessam suas atividades. O sujeito poético destaca, com tom de utopia de um sonhador, os papéis sociais de cada ser humano para contribuir com a harmonia e a solidariedade no convívio social.

Essa noite  
Eu tive um sonho de sonhador  
Maluco que sou, eu sonhei  
Com o dia em que a Terra parou  
Com o dia em que a Terra parou  
Foi assim  
No dia em que todas as pessoas do planeta inteiro  
Resolveram que ninguém ia sair de casa  
Como que se fosse combinado, em todo o planeta  
Naquele dia ninguém saiu de casa  
Ninguém (SEIXAS, 1977).

Em seguida, são abordadas as paralisações das produções dos trabalhadores e dos consumos de produtos pelos consumidores. Por outro lado, não somente as atividades lícitas foram interrompidas, as ilícitas como o roubo também cessaram, assim como o seu combate foi bloqueado. Tal cenário é detalhado da seguinte forma:

O empregado não saiu pro seu trabalho  
Pois sabia que o patrão também não tava lá  
Dona de casa não saiu pra comprar pão  
Pois sabia que o padeiro também não tava lá  
E o guarda não saiu para prender  
Pois sabia que o ladrão também não tava lá  
E o ladrão não saiu para roubar  
Pois sabia que não ia ter onde gastar  
No dia em que a Terra parou (Ê!)  
No dia em que a Terra parou (Ô!)  
No dia em que a Terra parou (Ô!)  
No dia em que a Terra parou (SEIXAS, 1977).

O efeito de cascadeamento da paralisação das atividades também é retratado na referida letra de música. Assim como as inter-relações das funções sociais de cada ser humano são exemplificadas com as seguintes situações: se não existem públicos, tais como: fiéis, alunos, soldados, enfermos não são necessárias as aberturas das suas respectivas instituições igrejas, escolas, hospitais e as existências dos papéis sociais dos seus líderes como padres, professores, comandantes, médicos. O contexto histórico de uma distopia, da ditadura civil-militar no Brasil dos anos 1970 também emerge através da crítica ao citado regime político, com a defesa da justiça social, e da desnecessidade

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de Exércitos, dos seus militares e suas guerras, pois entre a população não existiam inimigos, sobretudo, comunistas.

E nas Igrejas nem um sino a badalar  
Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá  
E os fiéis não saíam pra rezar  
Pois sabiam que o padre também não tava lá  
E o aluno não saiu para estudar  
Pois sabia, o professor também não tava lá  
E o professor não saiu pra lecionar  
Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar  
No dia em que a Terra parou (Ê!)  
No dia em que a Terra parou (Ô!)  
No dia em que a Terra parou (Ô!)  
No dia em que a Terra parou  
O comandante não saiu para o quartel  
Pois sabia que o soldado também não tava lá  
E o soldado não saiu pra ir pra guerra  
Pois sabia que o inimigo também não tava lá  
E o paciente não saiu pra se tratar  
Pois sabia que o doutor também não tava lá  
E o doutor não saiu pra medicar  
Pois sabia que não tinha mais doença pra curar  
No dia em que a Terra parou (Ô, yeah!) (SEIXAS, 1977).

Por fim, as utopias da paz e do fim das distopias dos totalitarismos políticos e das doenças são interrompidas, pois o sujeito poético acorda do “seu sonho de sonhador”. Ao acordar, ele conclama a todos para lutarem, através de movimentos, para a realização das utopias, de sociedades pacifistas e alternativas. Trata ainda, portanto, da necessidade de festejar a liberdade do indivíduo contra qualquer tipo de opressão, sobretudo, a política.

Essa noite  
Eu tive um sonho de sonhador  
Maluco que sou, acordei  
[...]  
No dia em que a Terra parou (Justamente)  
No dia em que a Terra parou (Eu não sonhei acordado) (SEIXAS, 1977).

Apesar da recepção de que *O dia em que a Terra parou*, teria “previsto,” em 1977, o cenário da pandemia do coronavírus em 2020, a mesma aborda um contexto diverso do contemporâneo. As pessoas e os trabalhadores, em geral, não pactuaram de ficar em casa. Eles foram obrigados a permanecer em casa por causa da pandemia e de decretos fechando instituições e interrompendo suas atividades e produções para reorganização das mesmas, através de protocolos sanitários de segurança.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O consumo de produtos, principalmente os alimentícios e de higiene, aumentou durante a referida pandemia. Por sinal, as prateleiras ficaram vazias, diferentemente do contexto da letra de música do Raul Seixas em análise. Aborda, de uma maneira geral, tensões diante da vida adulta e de desesperanças e desilusões juvenis. A música, aliada à dança, é retratada como um dos valores da juventude, usado no combate às pressões do mundo adulto. Através dela, era possível ser quem quisesse pessoalmente e profissionalmente, a última e única chance de se expressar livremente, inclusive politicamente, mostrando uma forma de estar no mundo. Como também, constitui-se enquanto um instrumento de lutas sociais e de ultrapassagem de identidades fixas pressionadas por uma sociedade contemporânea.

*O dia em que o Corona acabou* (2020) trata-se de uma paródia lítero-musical, de *O dia em que a Terra parou* (1977), realizada pelo humorista Tom Cavalcante. Paródia essa que contextualiza cenários de distopias de pandemia do coronavírus e de autoritarismo político brasileiro e de utopias do final da citada pandemia e das suas conseqüências sociais, econômicas e educacionais.

O humorista publicou a referida paródia, em formato de vídeo, no canal do Youtube no dia 1 de abril de 2020. Caracterizado com óculos escuros, cavanhaque e vocalização de Raul Seixas, sonoridade de *O dia em que a Terra Parou*, Tom Cavalcante retrata um “sonho de um maluco sonhador”, assim como sonhara o músico baiano em 1977. O retorno do Raul Seixas voando sobre a Terra e, sobretudo, sobre o Brasil- como fez no vídeo-clipe da referida música *raulseixistas* de 9 de outubro de 1977 (YOUTUBE, 2021)- é retratado no *dia em que o Corona acabou*. Nesta utopia, todos os seres humanos do planeta fizeram um pacto, mas não de pararem suas atividades como na distopia de 1977, e sim, de todos saírem de casa ao saberem da notícia da descoberta de uma vacina de combate ao Coronavírus.

O dia em que o corona acabou  
Essa noite eu tive um sonho de sonhador  
Maluco que eu sou eu sonhei  
O dia em que o corona acabou  
O dia em que o corona acabou  
Foi assim, No dia que todas as pessoas do planeta inteiro cansadas de ficar  
em casa  
Receberam a notícia de que os cientistas descobriram a vacina do corona  
Aí todo mundo saiu de casa, todo mundo (CAVALCANTE, 2020).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em seguida, o sujeito poético detalha as ações dos principais sujeitos sociais e as conseqüências das suas medidas, sobretudo, políticas e econômicas, adotadas para o combate à citada pandemia. Politicamente, destacam-se a busca por verbas dos deputados congressistas brasileiros e os protestos de painelaços contra o governo autoritário do presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro: “Diversas cidades brasileiras registraram painelaço contra o presidente Jair Bolsonaro na noite desta sexta-feira (15). Muitos gritavam ‘Fora, Bolsonaro’, ‘Genocida’ e ‘assassino’ (ISTOÉ, 2021). Protestos esses que permaneceriam, mesmo com o final da pandemia, pois os auxílios financeiros, emergencial, do referido governo passariam a ser cobrados, assim como os demais boletos de impostos, cujos pagamentos teriam sido adiados. Os banqueiros também aproveitariam o momento para especulações financeiras, como a recuperação do mercado financeiro e a elevação do valor do dólar.

O deputado saiu cedo pro congresso pois sabia que a verba também já tava lá  
E o povo já saiu para o terraço para fazer o painelaço o Jair ia falar  
E o boleto já chegou pra nós pagar é a conta do corona que o governo vai cobrar  
E o banqueiro já saiu para lucrar pois sabia que o dólar de 5 ia passar  
O dia em que o corona acabou (CAVALCANTE, 2020).

Os ataques à imprensa brasileira, realizados pelo presidente brasileiro também foram abordados na imprensa da seguinte maneira: “Balanço feito pela organização não governamental Repórteres Sem Fronteiras mostra que, em 2020, o presidente Jair Bolsonaro e pessoas do seu entorno promoveram 580 Ofensas a profissionais e empresas de comunicação (NUNES, 2021).

Ataques esses enumerados como xingamentos, por conseguinte na paródia em análise, especialmente no verso: “E o presidente já saiu para xingar pois sabia que a imprensa também já tava lá” (CAVALCANTE, 2020). No período pandêmico, por sinal, a imprensa, sobretudo, o jornalismo da TV Globo, foi acusada de superpotencializar a pandemia em questão.

As conseqüências econômicas da pós-pandemia foram centralizadas no retorno das atividades comerciais, diferentemente na distopia raulseixista de *O Dia em que a Terra Parou* (1977), na qual, a produção econômica fora paralisada. Valorização do

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

consumismo emerge, por sua vez, através, principalmente, da “Dona de casa com saudade do cartão foi pro shopping com tesão Com vontade de gastar” (CAVALCANTE, 2020). Insere-se ainda no contexto histórico de uma onda de neoliberalismo econômico com as defesas de um Estado mínimo nas esferas econômicas e de assistencial social, principalmente dos trabalhadores, que dominou a política brasileira deste período (NERY, 2020).

As repercussões educacionais são tratadas, na sequência, com a permanência da ausência de alunos, mesmo com o final da pandemia do coronavírus. A motivação da falta do alunado seria a certeza da não aprovação pelos seus mestres. Esses mestres voltariam ao trabalho, em contraposição à distopia raulseixista de 1977. Da mesma maneira, os médicos também retomariam suas atividades, pois, também em contraposição ao cenário de *O Dia em que a Terra Parou*, os seus pacientes queriam ser curados.

Só o aluno não saiu para estudar pois sabia que o mestre tinha um 0 pra lhe dar  
E o doutor saiu para vacinar pois sabia que o povo tava a fim de se curar  
O dia em que o corona acabou (CAVALCANTE, 2020).

No dia em que o corona acabou, ainda retornariam todos os fiéis e, por conseqüências, todos os religiosos para agradecerem pela vida “E o fiel já saiu para rezar de joelho agradecer da morte escapar”. Alguns problemas também, retornariam neste contexto, tais como: a violência urbana “ E o ladrão já saiu para roubar condomínio, apartamento, relógio, celular” e o alcoolismo “E o marido já saiu para manguaçar pois sabia que os pingüços do já estava lá” (CAVALCANTE, 2020).

As festas também retornariam na pós-pandemia. Dentre essas festividades, o carnaval baiano contaria com público e seria conduzido pela cantora Ivete Sangalo: “ E a Veveta já saiu para cantar pois sabia que a pipoca tava lá para pular”. Por fim, a felicidade retornaria, após o final da pandemia do coronavírus e da vacinação de toda a população “O dia que o corona acabou e a felicidade voltou”.

Para além das apropriações históricas e do paralelo das músicas em discussão, objetiva-se, ainda neste estudo, compreender os valores perdidos e ressignificados tais

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como: ideologia, grupo, família, música, amor, eu- nos contextos de distopias, pandemias e regimes autoritários, e utopias, pós-pandemia.

A relação entre o universo do *rock* e a ansiedade juvenil, especialmente dos anos 1970, é estudada, neste trabalho, através de modelos teóricos de *Sigmund Freud* (FREUD, 1976: p.457-481), Helena Abramo (ABRAMO, 1994) e *Mircea Eliade* (ELIADE, 1989: p.43-54) para compreender a ansiedade juvenil e os valores perdidos na passagem do mundo juvenil para o mundo adulto. A partir da reflexão teórica dos citados autores que tratam da ansiedade do homem contemporâneo em relação ao tempo e à história, que a ansiedade desses jovens pode ser vista como um rito de passagem específico de nossa cultura e, numa perspectiva mais ampla, a existência de uma tensão do homem contemporâneo entre a consciência do enraizamento na história e o desejo de ultrapassar essa condição histórica (NERY, 2020).

Outros valores juvenis são perdidos em distopias diante do processo histórico de vivência de um presente desanimado e valorizados nas utopias. Presente esse mercado pela divisão das famílias, pelo isolamento e solidão das pessoas sem lares, e pela perda dos amigos. Dessa forma, “[...] percebe-se um processo de perda dos significados atribuídos à noção de se pertencer a um grupo, ou seja, à juventude, e a própria noção de —eu, de indivíduo, o que se chama de perda do referencial da identidade grupal e individual (NERY, 2010, p. 156)”.

É importante destacar que os sujeito poéticos assumem nas letra de músicas em análises, a primeira pessoa do singular, “eu”, ou seja, ele já se encontra no final do tempo da juventude. O rito de passagem e a perda gradual do grupo não são localizados através de uma substituição progressiva do “nós”, primeira pessoa do plural identidade grupal, dos amigos, da família, pelo “eu”, identidade individual.

Em meio a tantas perdas, a saída imediata encontrada pelo sujeito poético é sonhar com um futuro melhor. Outras alternativas são apresentadas também, tais como: fuga ou negação e inércia diante do presente e das suas perdas. A perda dos citados referenciais juvenis, nesse sentido, pode conduzir aos extremos da ansiedade, da apatia.

O valor do amor é cantado, por fim, como a melhor saída para as pressões e as tensões do mundo presente e a salvação de todos os seres humanos. “O tema do amor [...] é um dos grandes recursos utilizados por esses jovens para aplacar a ansiedade

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

diante do tempo e escapar do isolamento cada vez mais próximo. Existem, em geral, dois conceitos de amor: o amor a si, o que corresponde a um instinto de preservação, e o amor ao outro (NERY, 2010, p. 161)”.

Importar-se com o outro é o tipo de amor cantado em *O dia em que a Terra Parou* e em *O dia em que o Corona acabou*, confiar no ser humano e enaltecer a importância do companheirismo, do apoio ao semelhante são os caminhos direcionados àqueles que não desejam viver fragmentados e valorizam o seu próprio “eu” e sua identidade. As transformações pelas quais passam a noção de identidade individual são, portanto, valorizadas de maneira positiva como um processo de autêntica mudança e constituição de um novo ser e não, encaradas pela perspectiva do medo e do fim. Essa desestruturação do “eu” parece ser vista numa perspectiva regeneradora e não, como uma morte definitiva (NERY, 2020).

## REFERÊNCIAS

### *Sites*

<http://tomcavalcante.com.br/tom> Acessado em 19 de janeiro de 2021.

### *Músicas*

SEIXAS, Raul e Azeredo, Claudio Roberto Andrade. O Dia em que a Terra parou. In: SEIXAS, Raul. *O Dia em que a Terra parou*. São Paulo, Warner Discos, 1977. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 3.

### *Vídeos*

*O DIA EM QUE O CORONA ACABOU*. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=IENY7kgYVXk> Acessado em 20 de janeiro de 2021.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O DIA EM QUE A TERRA PAROU', DE RAUL SEIXAS, É O HIT DA QUARENTENA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=79SnOKerONs> Acessado em 25 de janeiro de 2021.

RAUL SEIXAS - O DIA EM QUE A TERRA PAROU. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuZy6gYtU6o> Acessado em 25 de janeiro de 2021.

## Artigos e livros

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Aberta, 1994.

ARÁUJO, Paulo César de. Tradição e Modernidade. *Eu não sou cachorro, não*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 343.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CIDADES BRASILEIRAS REGISTRAM PANELAÇO CONTRA BOLSONARO. *Revista Istoé*. Disponível em: <https://istoe.com.br/cidades-brasileiras-registram-panelaco-contrabolsonaro/> Acessado em 15 de janeiro de 2021.

ELIADE, Mircea. Simbolismo religioso e valorização da angústia. In: *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1989, p. 43-54.

FREUD, Sigmund. Ansiedade. In: *Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XVI, 1976, p. 457-481.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: uma história social*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. Para uma história cultural da música popular. In: *História & Música – história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.98-101.

NERY, Emília Saraiva. *Devires na Música Popular Brasileira: As aventuras de Raul Seixas e as tensões culturais no Brasil dos anos 1970*. Dissertação. (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, 2008.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

NERY, Emília Saraiva. THE DOORS, JOY DIVISION E NIRVANA NAS RECUSAS DO FIM DO TEMPO JUVENIL. In: *Em Tempo de Histórias* - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília - PPG-HIS, n. 16, Brasília, jan./jul. 2010, p. 154-156.

NERY, Emília Saraiva. Juventude, ansiedade, libertação e história - Um estudo a partir de 'Under Pressure' de Queen and David Bowie (1982). In: *Brazilian Journal of Development*, v. 6, 2020, p. 39710-39720.

NUNES, WALTER. Relatório aponta que família Bolsonaro lidera ranking de ataque à imprensa em 2020. In: *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/relatorio-aponta-que-familia-bolsonaro-lidera-ranking-de-ataque-a-imprensa-em-2020.shtml> Acessado em 25 de janeiro de 2021.